

- [Eventos](#)
- [Exposições](#)
- [Festival](#)
- [Interior](#)
- [Livros](#)
- [Música](#)
- [Notas](#)
- [Programa-se](#)
- [Rádio](#)
- [Revistas](#)
- [Teatro](#)
- [Viagens](#)



[Home](#) » [Cultura](#)

## A criação depois da internet

Publicado por [admin](#) - Sunday, 26 August 2012



### COMUNICAÇÃO

Até esta sexta-feira, dia 31, especialistas discutem na ECA formas de descobrir e aproveitar o potencial não explorado das novas tecnologias digitais

Discutir como as redes digitais estão interagindo e modificando os processos criativos do mundo contemporâneo é a proposta da décima edição do evento Acta Media – Simpósio Internacional de Artemídia e Cultura Digital, que teve início no dia 16 passado e se estenderá até esta sexta-feira, dia 31 de agosto. O evento conta com palestras, oficinas, mesas-redondas e apresentações artísticas e se realiza no Estúdio Multimídia da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, na Livraria da Vila do Shopping Higienópolis e no Instituto Cervantes de São Paulo.

“A Emergência do Reticular” é o tema do evento, que busca discutir as transformações que as tecnologias digitais trouxeram ou têm o potencial de trazer para a cultura e a arte nas sociedades contemporâneas. “Queremos investigar como o processo criativo e as manifestações culturais foram e serão transformadas pela tecnologia que introduz a reticularização nos processos autorais”, afirma o coordenador do simpósio, professor Artur Matuck, da ECA.

Processo reticular se refere à internet, que tem o potencial de criação colaborativa e se desenvolve gradualmente. É o caso do “colaboratório”, um espaço de divulgação e apoio à realização de projetos inovadores, que envolvem trabalho colaborativo entre investigadores e escolas do ensino superior ou não.

Os cientistas que anteriormente trabalhavam isolados, por vezes em lugares remotos, têm agora a possibilidade de se manter ligados eletronicamente. Esse tipo de colaboração designa-se “colaboratório” e é uma modalidade da telecolaboração científica, diz o professor.



**Artur Matuck: tecnologias oferecem oportunidades ainda não exploradas**

**Brechas tecnológicas** – Para Matuck, os processos criativos estão em constante transformação. Com o advento da internet, nada mais é como antes. Essa tecnologia coloca todos em um grande desafio. Engenheiros, filósofos, designers e outros profissionais estão constantemente tentando entender qual é o potencial não explorado da mídia internet.

Segundo Matuck, autor de *O Potencial Dialógico da Televisão*, toda tecnologia tem um potencial não explorado. Conforme essas tecnologias surgem, são apresentadas de uma forma dirigida à sociedade, de acordo com o interesse do poder instituído. “É por isso que surgem os hackers, artistas e engenheiros buscando uma potencialidade não explorada pelos usuários em geral”, afirma.

Paulo Bruscky é um exemplo de artista que vê nas brechas da tecnologia possibilidades de artes, continua o professor. Pioneiro na aplicação artística de várias tecnologias, como gravação eletrônica, projeção de dispositivos, fac-símile, filme super-8, vídeo, Xerox, off-set e mimeógrafo, ele descobriu na década de 70 que, ao molhar o papel sulfite para tirar cópias, este saía na forma negativa, como revelação de filme.

Matuck afirma que a televisão, desde sua criação, tem um potencial dialógico, assim como o telefone. O potencial bidirecional foi reprimido pela indústria, que preferia uma mídia que não oferecia oportunidades para o receptor se expressar. “A tecnologia, no caso a televisão, ainda é vista como um aparato, um meio unidirecional. O mesmo acontece hoje com a internet. Defendo a possibilidade de um site mostrar, ao usuário que o acessa, quem está on-line. Se os browsers permitissem que as pessoas soubessem quem está acessando determinado site, seria possível criar redes sobre determinados assuntos, por exemplo.”

O coordenador ainda afirma que existem duas forças socialmente instituídas no desenvolvimento das redes sociais. A primeira quer estimular a comunicação horizontal entre todos os usuários para que estes formem redes de interesse, resolvam problemas comuns e usem a informação disponível sem pagamento de copyright e royalties.

A segunda força estimula a comunicação hierarquizada, restringindo o uso da informação e das tecnologias, de modo a ter lucro. A informação, nesse caso, tem valor comercial.



### O croata Dalibor Martinis faz ensaio no evento da ECA: experiências

O software proprietário é um exemplo disso. Ao se comprar um programa de computador, recebe-se um enorme pacote com apenas um CD dentro. Matuck explica que essa é a maneira de designar um valor para algo on-line. “Essa é a ideologia da embalagem do software, para reforçar que a informação desmaterializada tem que ser comprada e não copiada.”

Ele afirma ainda que “forças políticas conservadoras” lutam acirradamente para que a liberdade da internet não seja percebida, descoberta e comunicada pelos outros e nem exercida. Por isso criam legislações para coibir a cópia. “No meu ponto de vista, afirmar que copiar é crime, impedindo um estudante de ter acesso à informação que irá gerar um novo conhecimento, isso sim é que é crime”, ressalta.

**Músicos e cientistas** – Importantes nomes do cenário internacional participam do evento. Entre eles estão o artista e videomaker croata Dalibor Martinis, da Academia de Artes Aplicadas, de Rijeka, o compositor, instrumentista e professor do Dartmouth College, nos Estados Unidos, Jon Appleton, e a pesquisadora sobre satélites de comunicação e professora da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, também nos Estados Unidos, Lisa Parks.

Os destaques brasileiros ficam por conta do arquiteto e músico brasileiro Emanuel Pimenta, radicado no exterior, que desenvolve um projeto para estação orbital; do urbanista Caio Vassão; do ensaísta e teórico de estética Márcio Seligmann; do idealizador do programa Pontos de Cultura, professor Célio Turino, do Museu da Imagem e do Som de Campinas; do compositor Rodolfo Coelho de Souza, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP; do professor Hernani Dimantas; do professor Carlos Zibel, do grupo Devir, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP; do professor Amâncio Friaça, da USP, e dos professores Vanderlei Lucentini e Eunice Maria da Silva, do Centro de Pesquisas em Linguagens Digitais (Colabor) da ECA.

A décima edição Acta Media contou também com uma mesa-redonda, no dia 24, para tratar do papel fundamental que o professor, historiador e crítico de arte Walter Zanini teve na formação de inúmeros artistas, historiadores e pesquisadores de arte em São Paulo, na década de 70.

### Capa desta edição